

Notas sobre o Negro no Sertão: A emergência dos principais temas na obra de Clóvis Moura

Agnus Lauriano¹

Resumo: O presente trabalho aborda um período do desenvolvimento inicial da obra do intelectual marxista piauiense Clóvis Moura sobre a experiência histórica, política e cultural da população negra na formação social brasileira. A partir da correspondência com o antropólogo baiano Arthur Ramos, Moura desenvolve uma pesquisa que virá tornar-se o artigo *Notas sobre o Negro no Sertão* publicada em 1959 na revista *Brasiliense* e posteriormente incorporada na segunda edição de *Rebeliões da Senzala* em 1972. O artigo é uma análise sobre a presença negra no sertão nordestino ser maior do que se supunha. Nossa hipótese é que os elementos colocados por Clóvis Moura nesse artigo se desdobrarão em temas presentes ao longo de sua obra.

Palavras-chaves: Arthur Ramos. Clóvis Moura. Negros. Sertão.

Abstract: This paper addresses a period in the early development of the work of the Marxist intellectual from Piauí, Clóvis Moura, on the historical, political, and cultural experience of the Black population in the social formation of Brazil. Based on correspondence with the anthropologist from Bahia, Arthur Ramos, Moura develops research that will become the article “Notes on the Black Person in the Sertão,” published in 1959 in the magazine *Brasiliense* and later incorporated into the second edition of *Rebeliões da Senzala* in 1972. The article is an analysis of the Black presence in the northeastern backlands, which is greater than previously thought. Our hypothesis is that the elements presented by Clóvis Moura in this article will unfold into themes present throughout his work.

¹ Sociólogo e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), membro do Grupo de Pesquisa Mundo do Trabalho e Suas Metamorfoses do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (GPMT-IFCH-UNICAMP) e integrante do Grupo Interinstitucional de Estudos sobre o Pensamento Social de Clóvis Moura (UFES e UFF).

Keywords: Arthur Ramos. Clóvis Moura. Black people. Sertão.
Introdução

Ao iniciar as suas pesquisas sobre a participação política da população negra na formação da sociedade brasileira na cidade de Juazeiro, norte da Bahia, na primeira metade da década de 1940, o então jovem intelectual marxista Clóvis Moura (1925-2003) corresponde com Arthur Ramos (1903-1946), médico e antropólogo baiano, considerado um dos principais nomes da institucionalização da antropologia no Brasil, professor titular de Antropologia na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), discípulo de Raimundo Nina Rodrigues, porém não é um partidário do racismo científico como o seu mestre, com a finalidade de obter orientações metodológicas para estes estudos. O antropólogo baiano foi uma referência primordial para Clóvis Moura em sua obra, tendo um de seus livros, *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel (Tentativa de Análise Sociológica)*, publicado em 1976 e com prefácio do escritor baiano Jorge Amado, é dedicado a Ramos e a Edison Carneiro.²

Clóvis Moura envia uma carta para Arthur Ramos no dia 21 de novembro de 1945, que foi emitida da Seccional do Imposto de Renda de Juazeiro.³ Nosso jovem intelectual afirma que “desde menino fui despertado por um forte e quase instintivo desejo de conhecer e estudar os problemas sociológicos do Brasil. Daí até o meu interesse pelo negro e pelas condições de contato com culturas e pelas consequências

² “À memória de Arthur Ramos e Edison Carneiro, exemplos de cientistas sociais humanistas, padrões de dignidade intelectual.” in MOURA, Clóvis. *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel (Tentativa de Análise Sociológica)*. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1976.

³ MOURA, Clóvis. *Carta a Arthur Ramos*, pedindo alguns esclarecimentos a respeito do negro no Brasil, fazendo indagação sobre a figura de proa dos barcos do Rio São Francisco, pedindo esclarecimentos sobre o grupo de negros “Língua de Fogo”, e informando que está preparando algumas notas sobre a sobrevivência da cultura negra no Brasil.. Juazeiro, BA: [s.n.], 21 nov. 1945. 11 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1302431/mss1302431.pdf. Acesso em: 28 Abr. 2024.

das misturas étnicas, foi um passo.”⁴ Antes disso, Moura enuncia a finalidade da correspondência:

Hoje, finalmente, resolvi roubar um pouco do seu tempo e da sua paciência para lhe pedir alguns conselhos a respeito de problemas antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil, que meu senso de responsabilidade humana pede solução.⁵

O comunista de Amarante na correspondência referencia a obra de seu interlocutor e mestre como

(...) a continuação da obra do grande Nina Rodrigues, - é a pedra base de onde deve partir todo e qualquer estudo sério e honesto de interpretação das culturas negras no Brasil. A assimilação das mesmas; sua adaptação, tudo isto está estudado em sua obra com um rigor científico e uma compreensão humana raras no tempo atual⁶.

Para alguém que conhece um pouco da trajetória e obra de Clóvis Moura, enquanto um intelectual marxista que buscou interpretar a formação social brasileira sob a perspectiva da população negra, à primeira vista seria bem espantoso vê-lo referenciar Nina Rodrigues como “grande” e sua obra como “pedra base” nos estudos sobre a população negra e sua cultura. Teresa Malatian nos lembra que mesmo que o legista baiano tenha sido adepto do racismo científico e “previa” o desaparecimento dos africanos, isso “não o impediu de defender a urgência do estudo de sua cultura”, e Rodrigues “desenvolveu reflexões sobre contatos culturais na sociedade de destino dos africanos e as revoltas de que participaram”, porém sob o prisma de “validar a

⁴ *Idem.*

⁵ *Idem.*

⁶ *Idem.*

suposta superioridade racial branca”.⁷ As reflexões sobre as revoltas dos negros escravizados e as pesquisas sobre a cultura negra afro-diaspórica iniciadas por Nina Rodrigues acabavam por influenciar Clóvis Moura, todavia o marxista piauiense criticava o seu racismo científico e as conclusões influenciadas por esta pseudociência.

Retornando à correspondência com Arthur Ramos, Moura cita um trecho do livro de Ramos, *A Aculturação Negra no Brasil* publicado em 1942, sobre a figura das proas dos barcos que navegam o Rio São Francisco. A descrição do antropólogo baiano citada pelo jovem intelectual piauiense na correspondência diz: “A embarcação é típica: um barco tosco, com dois toldos de palha de buriti; na proa, a figura da cabeça do animal. Sobrevivência totêmica? Antiga tradição romana ou assíria? Quem o sabe?”⁸. Depois de transcrever esse trecho, Clóvis Moura afirma na carta ao conversar com várias pessoas de Juazeiro que “a figura da proa serve para proteger a barca, o que vem trazer um sentido mágico à imagem”. E pergunta a Ramos:

Podemos ligar este poder de proteção a um provável totemismo? Se assim for, a quem atribuí-lo? Ora, os antigos Gê, habitantes desta região, segundo creio, não eram totemistas. Se, portanto, pelas precárias bases que conseguimos reunir acima, concluirmos pela manifestação do totemismo entre os barqueiros, ou melhor, manifestação de reminiscências totêmicas, creio que ela só pode ser atribuída a origens africanas, ou a alguma incursão de outra cultura indígena que possuía totem, como a Borôro, por exemplo. Ou a estes dois fatos conjugados.⁹

⁷ MALATIAN, Teresa. Clóvis Moura: Uma Biografia. Teresina: Editora UESPI, 2022. p. 58.

⁸ MOURA, Clóvis. *Carta a Arthur Ramos*.

⁹ *Idem*.

Clóvis Moura afirma que é favorável à primeira hipótese, pois isso “leva a concluir os negros bantus deixaram fundos vestígios culturais na Zona do São Francisco”. Pois fora “surpreendido com uma congada” e afirma na correspondência a existência da “macumba” na região, cuja fonte é um recorte de jornal anexada à carta para Ramos. E conta um fato ocorrido “há pouco” de “uma mestiça que cai em transe constantemente” que lhe disse “ter um ‘caboclo’ de nascença. Perguntei-lhe de que ‘linha’ ele era. Ela respondeu-me que era ‘caboclo nagô’”. Moura conclui a frase lançando uma pergunta a Arthur Ramos: “Sincretismo iorubano-ameríndio?”¹⁰

O jovem intelectual de Amarante continua reafirmando as perguntas para o antropólogo baiano sobre esses fatos não confirmarem a presença da cultura negra ter uma presença maior do que os estudos etnográficos levavam em conta até aquele momento, pergunta sobre um grupo religioso negro chamado “Língua de Fogo” instalado na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, que praticam uma religião de matriz africana diferente da maioria das religiões da mesma matriz no Brasil, porém é mais aproximada com os grupos de São Paulo e lembra que esse grupo tem origem dos negros estadunidenses que se instalaram em Americana e Santa Bárbara d’Oeste. Moura solicita a Ramos “informações sobre a melhor maneira de obter livros sobre o assunto” tratado na correspondência. E conclui a carta afirmando que está escrevendo algumas notas:

Estou preparando algumas notas sobre as sobrevivências da cultura negra no Brasil, principalmente no Nordeste, e espero que os seus conselhos esclarecedores venham aclarar e orientar em muito a minha pessoa, que procura corrigir o ‘handcap’ do auto-didatismo com objetivismo e honestidade. Honestidade nos julgamentos que é uma das suas mais características qualidades.¹¹

¹⁰ *Idem.*

¹¹ *Idem.*

Arthur Ramos responde a Clóvis Moura em uma carta datada do dia 15 de março de 1946 e concordou com as suas hipóteses sobre a forte influência da cultura negra na região do Vale do São Francisco. Além disso, o futuro dirigente da UNESCO incentivou o nosso jovem pesquisador piauiense na continuidade e aprofundamento da pesquisa. Segundo Ramos, “é possível, é quase certo, que a influência negra aí tenha sido maior do que se pensa, podendo mesmo ter sobrevivido em certos costumes”.¹²

A partir do conselho de Arthur Ramos, a pesquisa realizada por Clóvis Moura resulta no artigo *Notas Sobre o Negro no Sertão*, sendo o primeiro trabalho de pesquisa de Moura sobre a experiência negra na sociedade brasileira desde os tempos coloniais, que será publicado na Revista Brasiliense em 1959, posteriormente será incorporado e modificado como um capítulo de *Rebeliões da Senzala* sob o nome de *O Escravo Negro e o Sertão* a partir da segunda edição impressa em 1972, publicado pela editora fluminense Conquista.

As Notas sobre o Negro no Sertão como tal

O jovem intelectual piauiense inicia o artigo criticando o “estereótipo” formulado pelos “estudiosos do problema do negro em nosso País” sobre a “pouca ou nenhuma influência cultural e étnica do negro nas áreas convencionalmente chamadas ‘de sertão’ do Leste, Nordeste e Norte do Brasil”.¹³ Moura afirma não querer criar um estereótipo de que a presença cultural negra no sertão seja equivalente à das áreas litorâneas onde a sociedade brasileira se desenvolveu com a economia escravista que perdurou por quase 400 anos. Porém, indica Clóvis Moura:

¹² MALATIAN, 2022. p. 65. *Carta de Arthur Ramos para Clóvis Moura*, Rio de Janeiro, 15 de março de 1946. Fundo Clóvis Moura, CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 08 de maio de 2024.

¹³ MOURA, Clóvis. *Notas sobre o Negro no Sertão*. São Paulo: Revista Brasiliense, nº. 24. p. 167.

Acenamos apenas de modo cauteloso para importância do assunto, a fim de que novos estudos, novas pesquisas, venham mostrar que tanto no campo da Antropologia como no da Etnografia, da História e da Sociologia, há necessidade de uma revisão de conceitos capaz de repor o problema em bases científicas. Existe na área chamada ‘de sertões’ das regiões a que nos referimos acima uma parcela de reminiscências negras muito maior do que a que foi inventariada até o momento.¹⁴

Moura ressalta a presença de vários elementos de origem negra nas lendas folclóricas, nas festas populares, nos terreiros de candomblé onde frequentou que eram bem prestigiados, segundo o autor, e algumas vezes sofriam ataques da imprensa local. Além da presença demográfica negra em outras regiões do interior baiano que influenciava pela sua cultura nas manifestações festivas e no sincretismo religioso. Em seguida apresenta um argumento que estará presente como uma das principais teses de *Rebeliões da Senzala*:

Como vemos, o negro está presente no folclore da região do São Francisco. Isso porque foi introduzido como escravo em algumas fazendas ou entrou nas matas, nas catingas e nos morros como fugitivo, como quilombola.¹⁵

A análise de Clóvis Moura busca ultrapassar os aspectos descritivos das manifestações culturais de origem ou influência africana e colocando a importância do conflito de classes sociais da sociedade escravista brasileira como um dos fundamentos dessas reminiscências que estão presentes, sendo o escravizado o elemento de negação do modo de produção escravista enquanto um fugitivo que adentra as matas e as caatingas, tornando-se um quilombola. O negro escravizado

¹⁴ *Idem.* p. 167 e 168.

¹⁵ *Idem.* p. 170.

identificado como uma propriedade e uma coisa na forma jurídica da escravidão brasileira acarreta prejuízo para o escravocrata, um desgaste econômico. O quilombola deixa de ser um instrumento de trabalho forçado, um produtor de mercadorias para o mercado mundial, deixa de ser um objeto de herança para os descendentes do senhor de terras e escravizados e deixa de ser garantia para empréstimos. Seguindo a perspectiva analítica do materialismo histórico, especialmente advinda do *Manifesto do Partido Comunista* de autoria dos filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels, a luta de classes sociais enquanto um dos principais elementos que dinamizam as sociedades sob a propriedade privada dos meios de produção e com classes sociais de interesses antagônicos na produção e reprodução social da vida material.¹⁶

Em *Notas sobre o Negro no Sertão*, Moura relembra a presença negra na região de Canudos, também no sertão baiano, que ficou bem conhecida no início da República com a instalação do povoado de Belo Monte sob a direção de Antônio Conselheiro. Seu argumento parte de citações de passagens da famosa obra do jornalista fluminense Euclides da Cunha, *Os Sertões*.

Euclides da Cunha com aquela acuidade invulgar que o caracteriza, teve oportunidade de, indiretamente, apontar o fato. Ao descrever os prisioneiros que chegavam dizia: ‘Via-se, então, pela primeira vez, em globo, a população de Canudos; e, à parte as variantes impressas pelo sofrer diversamente suportado, sobressaía um traço de uniformidade rara nas linhas fisionômicas mais características. Raro um branco ou um negro puro. Um ar de família em todos delatando, iniludível, a fusão perfeita das três raças.

‘Predominava – continua Euclides da Cunha – o pardo lídimo, misto de cafre, português e tapuia – faces bronzeadas, cabelos

¹⁶ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.

corredios e duros ou anelados, troncos deselegantes; e aqui e ali, um perfil corretíssimo recortando o elemento superior da mestiçagem'.¹⁷

O artigo segue com outras citações de *Os Sertões* sobre as características dos líderes do movimento como Antônio Conselheiro ser um “mulato espigado, magríssimo, adelgado”; Pedrão enquanto um “cafuz entroncado e bruto” e Estevão como um “negro reforçado, disforme, corpo tatuado à bala e à faca”. Além de citar descrições de combates feita por Cunha que “tombou um curiboca de 12 ou 14 anos” e a “degola de um negro realizada pelo Exército”. As descrições das características raciais dos sertanejos feitas por Cunha, segundo Moura, aproximam-se da descrição realizada pelo intelectual baiano Teodoro Sampaio ao viajar pelo Vale do São Francisco. O jovem marxista aponta que as descrições são confirmadas “por uma simples viagem na região” e até em cidades mais distantes da região são-franciscana como Amarante, sua terra natal, com as suas congadas e na cidade de Almas, situada no interior do Estado de Goiás, onde tem “uma população quase exclusivamente constituída de negros”.¹⁸

O intelectual de Amarante reafirma não apenas o argumento da subestimação da população negra e suas marcas culturais realizada pelos estudiosos daquela época, como também desta população historicamente ser um sujeito coletivo presente na resistência contra a exploração e opressão. Seja durante a sociedade escravista enquanto um escravizado fugitivo e um quilombola, seja enquanto um trabalhador sem-terra que se organiza coletivamente para além do messianismo ou milenarismo presentes nas obras que tratavam movimentos como o Belo Monte em Canudos.

¹⁷ MOURA, Clóvis. *Notas sobre o Negro no Sertão*. São Paulo: Revista Brasiliense, nº. 24. p. 171.

¹⁸ *Idem*, p. 171 e 172.

O artigo também coloca dois temas que estarão presentes na obra mouriana: a análise crítica da obra de Euclides da Cunha enquanto parte do pensamento social brasileiro e a formação do Belo Monte e sua guerra camponesa contra o Estado burguês e seu braço armado como um *continuum* das lutas de classes entre escravizados rurais e senhores de terras para a luta de trabalhadores sem terras em face ao latifúndio e ao Estado, e traçando elementos para compreender a relação entre questão racial e questão agrária na formação social brasileira. O primeiro desembocará em seu segundo livro: *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha* publicado pela editora Civilização Brasileira em 1964 e o segundo tema aparecerá nos livros *Brasil: Raízes do Protesto Negro* publicado pela Global Editora em 1983 e *Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos: Da Destruição de Belo Monte ao Aparecimento do MST* publicado em 2001 pela editora Expressão Popular.

As *Notas sobre o Negro do Sertão* aborda uma crítica de Clóvis Moura ao historiador Luís Viana Filho (1908-1990), autor do ensaio histórico *O Negro na Bahia*. Nesse ensaio sobre a escravidão negra no Estado da Bahia há um capítulo sobre o negro no sertão baiano, onde o autor afirma que a região “não foi hostil ao negro”, porém a produção econômica “repeliu o negro” mesmo sendo “associado ao açúcar, depois às minas, e mais tarde às plantações de café”, o negro sendo um trabalhador escravizado na “economia rudimentar das caatingas e dos campos de criação foi um elemento deslocado”. O historiador baiano acrescenta: “E quando muito foi um elemento de passagem, transitando pelas estradas do interior como tropeiro ou carregador, ou como parte mínima de alguma *bandeira*”.¹⁹

Clóvis Moura concorda com Viana Filho sobre a organização econômica pastoril do sertão baiano não poder “arcar com o ônus do escravo negro, caro e difícil aquisição na zona sertaneja, principalmente

¹⁹ VIANA FILHO, Luís. *O Negro na Bahia (Um Ensaio Clássico sobre a Escravidão)*. Salvador: EDUFBA e Fundação Gregório de Mattos, 2008. 4ª edição. p. 181 e 182. MOURA, Clóvis. *Notas sobre o Negro no Sertão*. São Paulo: Revista Brasileira, n.º. 24. p. 171.

a do São Francisco”. Porém, o intelectual de Amarante coloca que Viana Filho expõe “um lado da verdade” sobre o negro no sertão, pois ele não seria apenas um escravizado deslocado da economia sertaneja ou apenas um trabalhador que apenas carrega mercadorias. Para Moura, a concepção do historiador baiano e então deputado federal na época que publicou as *Notas sobre o Negro no Sertão* está “em conclusões que não desnudam e apreendem a verdade na sua totalidade”. A metodologia de Viana Filho e outros estudiosos partem de uma premissa que busca “encaixar o negro como *escravo* na economia sertaneja: e ele sobra...”.²⁰

Moura continua a sua crítica demonstrando que trabalhos como o de Viana Filho pensam que o negro deve ser apenas um trabalhador escravizado na produção de mercadorias dos diferentes ciclos econômicos que o Brasil colonial passou e nada mais fora desse papel, pois eles consideram-no como um deslocado e outros estereótipos que acabam reproduzindo um racismo na análise histórica do papel da população negra na formação social brasileira:

Partindo de atitudes mentais que foram sedimentadas nas pesquisas, trabalhos e conclusões realizadas em relação ao negro da orla litorânea, onde se estratificou na sua forma mais completa o sistema escravista de trabalho, não conseguem ver o elemento negro senão dentro dessa categoria (escravo), assim mesmo deformada por uma série de racionalizações, como a da docilidade do africano, do seu masoquismo, da sua passividade.²¹

O negro no sertão não era apenas um elemento deslocado das suas atividades econômicas, como expôs Luís Viana Filho a partir de um pressuposto de que o negro deve ser apenas um trabalhador escravizado, da forma que ocorre nas áreas litorâneas sob a produção

²⁰ *Idem*, p. 173.

²¹ *Idem*, *ibidem*.

de mercadorias para o mercado externo, e da mesma forma não era um sujeito passivo e dócil que se conformava com o trabalho forçado reservado a ele pelo modo de produção escravista. Clóvis Moura menciona que a presença negra no sertão “não é no trabalho que se encontrará de forma fundamental, especialmente na Bahia, Alagoas, Sergipe. O negro ali aparece como perturbador da economia, como fugitivo, como quilombola”.²² A formação dos quilombos é a chave para compreender a presença e a experiência da população negra na região sertaneja baiana e pode ser ampliada para os outros estados nordestinos. Afirmando que “a zona do sertão da Bahia foi um verdadeiro paraíso para os quilombolas”.²³

Clóvis Moura utiliza-se de outros historiadores para fundamentar a hipótese da presença do negro quilombola no sertão baiano. As ações dos negros fugitivos que se tornaram aquilombados ocorrem em unidade com os índios brabos realizando guerrilhas, assaltos na região do São Francisco e resistindo às investidas dos bandeirantes e outros agentes do aparelho repressivo de dominação colonial que se desenhava a partir do século XVII.

Nas *Notas sobre o Negro no Sertão*, Moura também relaciona a luta entre negros aquilombados e agentes do império colonial com o Quilombo dos Palmares, o principal quilombo da história brasileira, ao mencionar as incursões de Henrique Dias, um dos comandantes militares da Batalha dos Guararapes contra o domínio holandês sobre a colônia, para combater os palmarinos, a partir da hipótese do historiador Francisco Adolfo de Varnhagem. Porém, esta hipótese não foi confirmada por outros historiadores do período ou posteriores. Outro historiador, Sebastião da Rocha Pita, segundo Moura, afirmou que Dias fez incursões no sertão nordestino, mas não colocou sob qual finalidade.

No entanto, o jovem intelectual piauiense coloca a resistência do Quilombo de Palmares ocorria simultaneamente aos fatos

²² *Idem*, *ibidem*.

²³ *Idem*, *ibidem*.

anteriormente mencionados. Destacando que os negros palmarinos “muito mais trabalho davam aos governantes”. Lembrando que o quilombo derrotou as sucessivas incursões, seja dos holandeses a princípio, seja as incursões da metrópole portuguesa. Moura afirma que a “importância de Palmares, como foco de disseminação das culturas negras no sertão não foi, contudo, analisada devidamente”. Ele justifica a sua hipótese porque foi:

Um movimento que durou de 1630 a 1695, sessenta e cinco anos (mais do que o Império Brasileiro) e que fazia incursões, impunha hábitos, propagava costumes, precisa ser analisado mais detidamente e não apenas no seu aspecto heróico. Palmares, além de protesto do escravo contra a escravidão, produziu consequências muito profundas no seu aspecto cultural. Tendo os negros palmarinos – predominava, como é sabido, o elemento banto – ao se embrenharem na floresta, levado sua cultura e permanecido durante quase setenta anos na região, evidentemente transformaram-se num foco de propagação de sua técnica, hábitos, religião, costumes. Esse foco transformou-se posteriormente em uma constelação que depois se dissolveu integrando-se no arcabouço da vida da região: no folclore, na técnica de criação e domesticação de certos animais, transmitindo não apenas a experiência adquirida como trabalhadores do eito como quer Edison Carneiro, mas, também ‘a experiência ainda mais larga deles e dos seus antepassados nas savanas e florestas tropicais africanas’, como afirma o Prof. Josué de Castro.²⁴

Moura também corrobora sua hipótese de Palmares ser um foco disseminador da cultura negra no sertão citando o trecho do texto “*O Folclore Negro no Brasil*” de Arthur Ramos sobre a peça “*O Auto dos*

²⁴ *Idem*, p. 175 e 176.

Quilombos” sobre esta manifestação cultural ter influência dos negros aquilombados em Palmares. Ramos afirma que “não precisa de grande esforço de interpretação para concluirmos que o auto alagoano dos *quilombos* representa uma sobrevivência histórica da República de Palmares”.²⁵ Clóvis Moura reafirma a presença quilombola no sertão ao mesmo tempo em que as autoridades coloniais combatiam Palmares. As guerrilhas quilombolas estavam presentes na Bahia, Piauí e Maranhão e destacamentos baianos e paulistas “comandados por Matias Cardoso de Almeida e Manuel Álvares de Moraes Navarro”. Os terços liderados por esses paulistas acabaram sendo mobilizados para auxiliar Domingos Jorge Velho na sua incursão contra Palmares.

O artigo ainda menciona as inquietações nas regiões que atualmente seriam a Paraíba e o Sergipe promovidas pelos quilombolas depois da destruição de Palmares e a destruição do quilombo do Cumbe pelas tropas da coroa portuguesa. Moura também reafirma a colaboração entre os quilombolas e os índios rebelados desde a época da destruição da república palmarina no final do século XVII.

Uma breve conclusão.

Notas sobre o Negro no Sertão, além de ser um dos primeiros textos elaborados por Clóvis Moura desde suas pesquisas iniciais em Juazeiro sobre a experiência histórica da população de origem africana na formação social brasileira desde a colonização, colocamos a hipótese de que este artigo antecipa temas que estarão presentes ao longo de sua obra, como mencionamos sobre o quilombola ser o elemento que dinamiza o desenvolvimento da sociedade brasileira como a negação surgida a partir do conflito de classes entre escravizado e senhor de terras; a propagação da cultura negra nas diferentes regiões e povoados está relacionada com a mesma luta de classes fundamental da sociedade escravista brasileira mencionada anteriormente; a análise da

²⁵ RAMOS, Arthur. *O Folclore Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: s/d. p. 63.

obra de Euclides da Cunha; a crítica à historiografia e ao pensamento social de orientação conservadora que procura enquadrar o negro apenas como um escravizado passivo e masoquista, tendo o ensaio histórico de Luís Viana Filho um exemplo desta corrente teórica; o povoado de Belo Monte ou Canudos como experiência de organização de trabalhadores rurais não-brancos na sua composição formando um esboço de modo de vida alternativo ao capitalismo dependente e sua forma política republicana; e a República de Palmares enquanto uma experiência de escravizados fugitivos que se tornam quilombolas com duração maior que o “Império Brasileiro” e desenvolvia um modo de vida alternativo ao modo de produção escravista na colônia portuguesa, este último é uma hipótese desenvolvida em obras posteriores.

Tais temas abordados por Moura neste artigo demonstra não só o acerto de sua hipótese inicial da presença negra no sertão ser maior que a literatura da época afirmava, mas estes podem ser pensados como elementos que caracterizam a presença negra na formação social brasileira em diversos campos como o político, o econômico, o cultural e o social, problemáticas que o marxista de Amarante procurou decifrar ao longo de sua obra e atuação militante até o final da vida, credenciando-o como um intérprete do Brasil.

Referências

MALATIAN, Teresa. *Clóvis Moura: Uma Biografia*. Teresina: Editora UESPI, 2022.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.

MOURA, Clóvis. *Brasil: As Raízes do Protesto Negro*. São Paulo: Dandara Editora, 2023. 2ª edição.

MOURA, Clóvis. *Carta a Arthur Ramos*, pedindo alguns esclarecimentos a respeito do negro no Brasil, fazendo indagação sobre a figura de proa dos barcos do Rio São Francisco, pedindo esclarecimentos sobre o grupo de negros “Língua de Fogo”, e informando que está preparando algumas notas sobre a sobrevivência da cultura negra no Brasil.. Juazeiro, BA: [s.n.], 21 nov. 1945. 11 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1302431/mss1302431.pdf. Acesso em: 28 abr. 2024.

MOURA, Clóvis. *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

MOURA, Clóvis. *Notas sobre o Negro no Sertão*. São Paulo: Revista Brasiliense, n.º. 24, 1959.

MOURA, Clóvis. *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel (Tentativa de Análise Sociológica)*. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1976.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2014. 5ª edição.

MOURA, Clóvis. *Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos: Da Destruição de Belo Monte ao Aparecimento do MST*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2000.

RAMOS, Arthur. *O Folclore Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: s/d. p. 63.

VIANA FILHO, Luís. *O Negro na Bahia (Um Ensaio Clássico sobre a Escravidão)*. Salvador: EDUFBA e Fundação Gregório de Mattos, 2008. 4ª edição.